

Confusão Aeroespacial

É tudo muito simples na guerra.
Mas a coisa mais simples é difícil.

CLAUSEWITZ

Ten Brig do Ar JOÃO SOARES NUNES

Quando os norte-americanos, com toda a propriedade, começaram a combinar os termos AIR & SPACE, o aviador "tupiniquim" não perdeu tempo, passando a aplicar na terminologia da nossa aeronáutica a versão brasileira: AEROESPACIAL.

Na década de 70, o Museu da Aeronáutica Brasileira foi criado, recebendo o nome de Museu Aeroespacial; o Centro Técnico de Aeronáutica foi reestruturado, passando a denominar-se Centro Técnico Aeroespacial; e a Sociedade Brasileira de Direito Aeronáutico, ao vislumbrar novos limites para o seu campo de atuação, evoluiu para o Direito Aeroespacial, trocando o seu nome.

Tudo muito certo. Em boa hora o nosso foguete SONDA I já era peça de museu; o CTA pesquisava a alta atmosfera, e os fragmentos de satélites caídos do espaço criavam novos conceitos no campo do Direito, gerando o Direito Aeroespacial.

Acontece, porém, que os neologistas do AEROESPACIAL se multiplicaram. O ad-

jetivo passou a qualificar, não apenas organizações, mas, também, conceitos tradicionais na nossa terminologia, tais como o Poder Aéreo, a Política, a Estratégia, e a Doutrina da Força Aérea, que passaram a ser identificados, respectivamente, como Poder Aeroespacial e Política, Estratégia e Doutrina Aeroespaciais.

Hoje, no mês de agosto de 1987, os Estados Unidos e a França, que praticamente já dominam o espaço, continuam usando as expressões Poder Aéreo, Defesa Aérea e Doutrina da Força Aérea. Assim como a Grã-Bretanha e Israel, eles convivem humildemente com o AIR POWER, com a AIR DEFENSE, com a AIR FORCE DOCTRINE, e, quando existe..., com o AIR FORCE MUSEUM.

Se a alteração introduzida na terminologia representasse apenas um modismo, poderíamos até curvar-nos diante dela; mas ela contém uma impropriedade que não pode circular impunemente.

Recorrendo ao dicionário, encontraremos o vocábulo AERONÁUTICO, como o

adjetivo relativo a tudo o que diz respeito à aeronáutica; o vocábulo **NAVAL**, como o adjetivo relativo a tudo que diz respeito às marinhas de guerra; o vocábulo **MILITAR**, como o adjetivo relativo às forças armadas, e, se particularizado, relativo aos exércitos; e, finalmente, para não citarmos outros, o vocábulo **NACIONAL**, adjetivo relativo a tudo que diz respeito à Pátria, à Nação. Todos eles, invariavelmente, expressam uma relação de dependência direta com o substantivo do qual derivaram.

Portanto, podemos afirmar que os adeptos do **AEROESPACIAL**, ao usarem e abusarem desse vocábulo, estarão se referindo, não à Aeronáutica, mas sim àquilo que tem origem, relação e pertinência com o **AEROESPACIO**, ou que seja concernente à atmosfera e ao espaço.

Além disso, compartilhamos da opinião daqueles que ainda identificam uma grande diferença entre o “espaço aéreo nacional”, onde prevalece a soberania nacional, e o “espaço aéreo exterior”, onde já circulam centenas de engenhos espaciais, sobrevoando todas as Nações e nenhuma delas até hoje protestou. Logo, há que se conduzir políticas diferentes: uma **Política Aeronáutica** e uma **Política Espacial**, esta, quem sabe, embutida na primeira; e analogamente, **Estratégia e Doutrina Aeronáuticas**, e **Estratégia e Doutrina Espaciais**.

A partir da adoção, pela ECEMAR, do **Método de Planejamento** preconizado na Escola Superior de Guerra, quando a sua terminologia teve que ser particularizada para a Aeronáutica, foi que o **AEROESPACIAL**, que vinha sendo inadvertidamente bem absorvido, provocou as primeiras rejeições, e o seu emprego assumiu as raias do questionável.

A razão principal, entre outras, que ressaltou a impropriedade, foi a substituição do adjetivo **NACIONAL** - usado nos “conceitos esguianos” - pelo **AEROESPACIAL**, o que veio a criar expressões insólitas para uso na Aeronáutica.

Algumas expressões usadas naquela

Escola de Altos Estudos Militares, tais como “elites nacionais”, “moral nacional” e “universo nacional”, esta entendida como o “âmbito nacional”, ficaram descaracterizadas e ninguém se deu conta disso, quando no CPEA foram alteradas para “elites aeroespaciais”, “moral aeroespacial” e “universo aeroespacial”, esta buscando expressar o “âmbito da Aeronáutica”.

Essas expressões, entendidas à luz de uma correta comunicação oral e escrita, levam-nos ao absurdo da afirmativa nelas contidas, de que no **AEROESPACIO** há elites, e um moral, não especificado se baixo ou elevado. E mais ainda: como nos ensina Celso Cunha, na sua “Gramática do Português Contemporâneo”, “universo aeroespacial” seria um bom exemplo de redundância viciosa.

Mas não é só. Foi criada a “Soberania Aeroespacial”, quando todos sabemos que não há soberania no chamado Espaço Exterior; foi identificada uma “Comunidade Aeroespacial” (??); e foram criados “Objetivos Aeroespaciais”, que nos induzem, à primeira vista, a imaginar alvos no **AEROESPACIO**.

Outras razões que caracterizam a impropriedade do emprego do termo foram vividas por nós, na prática, quando no exercício cumulativo do comando do COMDA (Comando Aéreo de Defesa Aérea) e do NUCOMDA-BRA (Núcleo do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro). Invariavelmente, nas inúmeras palestras que proferimos sobre aqueles Comandos, para o EMFA, para o CEMCFA, e para a Escola de Guerra Naval, surgia um debatedor que colocava a mesma pergunta, para a qual nunca achamos resposta: “qual a diferença entre a Defesa Aérea e a Defesa Aeroespacial que a Força Aérea se propõe a realizar?”.

Portanto, implantada toda essa “confusão aeroespacial”, resta-nos propor que o assunto seja repensado, para que, com os pés no chão, sem milagre brasileiro e sem ufanismo, mas apenas com bom senso, seja resgatada uma terminologia razoável e adequada à Força Aérea do Brasil.